

Identidade e apego a locais com risco de desastres socioambientais – Um estudo sobre as “Águas de Março”

Identity and attachment to places at risk of socio-environmental disasters – A study on “Waters of March”

Simone Wachter Muller Montoro¹

Luciana Vieira Castilho Weinert²

Resumo

Eventos desastrosos, principalmente relacionados às mudanças climáticas, são destaques nas literaturas e noticiários. Em 2011, o litoral paranaense foi acometido por um grande volume de chuva, ocasionando um desastre socioambiental de amplas proporções, evento que ficou conhecido como “Águas de Março” e causou perdas significativas para os moradores das áreas atingidas. Frente a essa temática, esta pesquisa teve como objetivo investigar a identidade e o apego ao lugar de pessoas residentes em áreas afetadas no município de Guaratuba e através desse resultado, compreender como as pessoas se relacionam com esse ambiente vulnerável. De caráter qualitativo, o trabalho de campo foi dividido em três fases: coleta de dados, pré-análise das entrevistas e análise de conteúdo. Como resultado, percebe-se que as influências relacionadas às necessidades satisfeitas com o local são determinantes nos processos de identificação e apego com o lugar. Também, compreende-se que a ocorrência de uma situação de desastre não modificou a relação que os moradores têm com seu ambiente, pois eles não vinculam o evento como um fator negativo para sua permanência no local.

Palavras-chave: Desastres. Identidade. Apego.

Abstract

Disastrous events, mainly related to climate change, are featured in the literature and news. In 2011, the coast of Paraná was affected by a large volume of rain, causing a socio-environmental disaster of large proportions, an event known as “Águas de Mar” and caused significant losses to the residents of the affected areas. Faced with this theme, this research aimed to investigate the identity and attachment to the place of people living in areas affected in the municipality of Guaratuba and through this result, understand how people relate to this vulnerable environment. For this research, the qualitative, observational and cross-sectional methodological design was divided into three phases: data collection, pre-analysis of interviews and analysis by the Content Analysis method. As a result, it is clear that influences related to the needs met with the place, are determinant in the processes of identification and attachment with the place. It is also understood that the occurrence of a disaster

¹ Discente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável – Universidade Federal do Paraná / Setor Litoral. E-mail: simonemuller@ufpr.br.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável – Universidade Federal do Paraná / Setor Litoral. E-mail: luciana.weinert@ufpr.br.

situation did not change the relationship that residents have with their environment, they do not link the event as a negative factor for their stay in the place.

Keyword: Disasters. Identity. Attachment.

Introdução

“Aqui neste campo era só água; neste terreno aqui a água passava de 1 metro de altura... Muita correnteza... Muito forte... Vinha tronco, vinha de tudo...”. *“Viemos para casa e quando foi meia noite o vizinho gritou: - Corre que está alagando! E a água já estava entrando na área da casa da minha mãe. É muito rápido, questão de segundos, não tem nem como a gente se programar que vai encher. A hora que você vê a água já tomou conta de tudo”* relataram os participantes desta pesquisa, que buscou através de entrevistas semiestruturadas e das teorias da Psicologia Ambiental compreender a identificação e a relação de apego de pessoas que residem em áreas com risco de desastres socioambientais no município de Guaratuba-PR.

A psicologia busca, através do estudo do ser humano em sua subjetividade, compreender a construção de seus sentimentos, atitudes, valores e manifestações de comportamento derivados de sua relação com os meios físico e social. A Psicologia Ambiental (PA), por sua vez, estuda a pessoa em seu contexto, com tema central nas inter-relações entre a pessoa e o ambiente físico e social. O estudo dos desastres está atualmente situado nos campos da PA, mais especificamente da Psicologia na Gestão Integral de Riscos e Desastres, e esta se configura como psicologia ambiental aplicada a partir de um conjunto de práticas com respostas a demandas específicas (HERMÓGENES, 2012).

No que se refere ao ambiente, pensando ser este tudo que envolve o ser humano, tudo que o rodeia, cabe à PA o estudo e intervenção sobre como esse ambiente exerce influência no modo como as pessoas se comportam, pois esse ambiente é imbuído de significados. Através da produção da informação, pode atuar e mostrar que comunidades não são receptores passivos de impactos negativos. Estas são redes dinâmicas capazes de aprendizado e de perceber que a construção e reconstrução de redes que sustentam a vida são contínuas, pois o mundo não é controlável nem conhecido, mas vulnerável.

Segundo Kuhnen (2009), para ampliar o entendimento de fenômenos ambientais que levam a catástrofes, deve-se olhar para as relações da pessoa com seu ambiente e as interações nele vividas. Os desastres colocam em evidência a fragilidade humana e de uma sociedade para enfrentar as catástrofes fisicamente, socialmente e psicologicamente. Segundo a autora, as catástrofes não são

naturais e, mesmo quando se originam de uma causa física, pode-se construir uma imagem de fenômenos previsíveis e até certo ponto controláveis.

A temática da identidade e do apego surge como uma categoria de análise das entrevistas realizadas e que tem por objetivo compreender a relação das pessoas com o lugar onde elas vivem; sua moradia não só como casa, mas como o local onde essa casa está inserida e o que as levou a escolher esse espaço físico para viver. Nesse contexto, buscamos identificar fatores que possam elucidar aspectos da história que levaram à escolha daquele espaço para residir, sua identificação com esse lugar e se há relação e apego, bem como quais os significados afetivos atribuídos, mesmo sabendo ser uma área com classificação de risco e história de desastre socioambiental.

Apego e identidade ao lugar

O espaço sociofísico pode ser um espaço gerador de bem-estar e experiências positivas. Os vínculos das pessoas com o seu lugar variam de forma dinâmica e se constroem a partir das relações sociais, ambientais, culturais e das características físicas desse lugar. As relações de apego da pessoa com o seu lugar, segundo Alves (2014), são compreendidas através de três dimensões: a funcional, a simbólica e a temporal.

Os vínculos afetivos na relação pessoa-ambiente contribuem para a identidade da pessoa com seu lugar. Para Morais (2014), a percepção é um processo subjetivo e pessoal, que permite a adaptação ao ambiente e pode sofrer influências e distorções. E a percepção de situações de risco nesses ambientes, considerando fatores emocionais, podem levar pessoas a permanecer em locais perigosos.

O apego ao lugar, segundo Felipe (2012), é o vínculo emocional firmado com cenários físicos, que envolve sentimentos derivados da experiência espacial real ou esperada. A identidade de lugar é o conjunto de cognições de valência positiva e negativa elaboradas pelo sujeito acerca do espaço físico. Envolve os vínculos emocionais formados com espaços físicos e sentimentos derivados das experiências vivenciadas nesses lugares, tanto reais como esperadas. O conjunto de cognições elaborado pelo indivíduo pelo seu espaço físico exemplifica a identificação que o sujeito estabelece com esse lugar e o apego ocorre quando as cognições positivas são mais valorizadas ou pesam mais do que as negativamente valorizadas.

“Todos já experimentamos alguma forma de laço afetivo, positivo ou negativo, agradável ou desagradável, em relação a algum lugar” (GIULIANI, 2004, p. 89). Seja esse lugar ligado a nossa experiência presente ou passada ou até mesmo futura, o mundo afetivo está muitas vezes presente nas

representações, idealizações e expressões da vida, sendo possível afirmar que o afeto relacionado a lugares existe e é de uma natureza que às vezes auxilia e às vezes dificulta nosso equilíbrio e bem-estar material e espiritual.

O território se apoia no espaço, mas este ainda é a matéria-prima, preexistente a qualquer ação. É um lugar não material até um ator manifestar a intenção dele se apoderar e a representação da apropriação deste espaço já é uma forma de poder, de controle. O território é, portanto, o espaço vivido pelo indivíduo, mesmo sendo uma produção simbólica e não física, e deve-se compreender esse espaço vivido através das pessoas que nele vivem.

O território encontra-se em constante construção e movimento, ou seja, território é o resultado da mudança no tempo em um determinado espaço ou lugar. O ritmo ou o processo dessa mudança (desenvolvimento) pode ser rápido ou lento, e a dimensão do espaço ou do lugar onde a mudança ocorre pode ser ampla ou restrita. Quanto mais equilibrado o ritmo da mudança, mais equilibrado o desenvolvimento (AVILA, 2017, p. 189).

Esse território, funcional e simbólico, é um produto de significados, que se identifica como nosso lar, o local de abrigo e proteção, assim como produtor de uma função, fonte de recursos naturais e matérias-primas utilizadas para satisfazer tanto as necessidades locais quanto do capitalismo. Essas duas classificações de território, segundo Haesbaert (2008), não são puras, ou seja, os territórios funcionais sempre têm uma carga simbólica, assim como todo território simbólico tem uma carga funcional, tanto como abrigo quanto base de recursos e meio de produção.

Nessa perspectiva, o território é sempre múltiplo, diverso e complexo, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação da sociedade (simbólica-subjetiva) quanto espaço (concreta-funcional). Envolve também múltiplos agentes (indivíduos, grupos sociais, Estado, empresas, instituições, entre outros) que o constrói e é percebido de acordo com essa construção.

Na análise de Raffestin (1993), espaço e território não são termos equivalentes. O espaço é anterior ao território, que “se forma a partir do espaço, como o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza o programa) em qualquer nível” (p. 02). O ator territorializa o espaço ao se apropriar dele concreta ou abstratamente, segundo Lefebvre, citado pelo autor; o espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si.

A partir da década de 1970, espaço, lugar e paisagem passaram a ter uma abordagem centrada na dimensão humana. Para Oliveira (2001), o conceito de paisagem não se restringiria ao âmbito da natureza, mas envolveria o ser humano com consciência, afetividade e conhecimento crítico; espaço seria definido como espaço vivido, e lugares como dimensão existencial e perceptiva.

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. (HAESBAERT, 2008 p. 03).

E é nesse território, muitas vezes escolhido e repleto de relações e dimensões, que os indivíduos se apropriam como um lugar para sua moradia, para viver a sua história e criar relações afetivas com esse espaço. A palavra “apego ao lugar” ilustra justamente a relação afetiva da pessoa com o seu ambiente.

Segundo Alves (2014), a moradia, muito mais do que um lugar, é considerada como um dos lugares mais importantes para o indivíduo, pois nela a pessoa irá se desenvolver e constituir família, criando não só um ambiente físico, mas também psicológico, com significados que o tornam singular. Ainda segundo a autora, o apego ao lugar contribui para a personalização, para o cuidado e o sentido de pertencimento, proporcionando uma apropriação positiva do espaço, desenvolvendo cuidados com esse meio e vínculos relacionais.

Cenário da pesquisa

De acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES (2019), Guaratuba é município litorâneo do estado do Paraná desde 1947, desmembrado do município de Paranaguá. Sua área territorial é de 1.328,480 km², distante 117,73 km da capital Curitiba. Limita-se ao norte com os municípios de Morretes e Paranaguá, a oeste com o município de São José dos Pinhais, a leste com o município de Matinhos e Oceano Atlântico e ao sul com os municípios de Itapoá e Garuva no estado de Santa Catarina, conforme ilustra a Figura 1.

FIGURA 1 - LIMITES DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA



Fonte: IPARDES (2019).

No ano de 2011, o estado do Paraná viveu um evento de desastre denominado “Águas de Março”, que gerou no sistema de Proteção e Defesa Civil um redirecionamento na sua atuação para uma nova política de integração multisetorial, fortalecendo a Gestão de Riscos e Desastres no Paraná. Segundo Pinheiro (2016), esse evento representou um impacto muito forte, pois não havia registros de chuva semelhante em anos anteriores e tampouco de perdas e danos tão grandes quanto as que resultaram desse período. Grande parte dos danos está relacionada ao impacto no meio ambiente, plantação e perdas de animais. Também foram registradas perdas de moradias, danos em rodovias, queda de pontes e problemas que levaram à interrupção do sistema de água potável e luz em algumas localidades.

As fotos a seguir demonstram um pouco desse evento no território descrito. A Figura 2 ilustra o desvio ocorrido no rio em decorrência da enxurrada, devastando uma grande área da plantação de banana. A Figura 3 também ilustra a devastação em uma área com bananal, ambos causando um grande prejuízo financeiro aos produtores rurais. Na Figura 4 fica visível o deslizamento ocorrido no Morro da Limeira, onde uma grande quantidade de árvores e terra foi arrastada para as encostas, e na Figura 5 a casa de um morador totalmente atingida pela enchente.

FIGURA 2 – LIMEIRA. DESVIO DO RIO, 2011



FONTE: COORDENADORIA ESTADUAL DA PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL DO PARANÁ (2018).

FIGURA 3 – LIMEIRA BANANAL, 2011



FONTE: COORDENADORIA ESTADUAL DA PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL DO PARANÁ (2018).

FIGURA 4 – DESLIZAMENTO NO MORRO LIMEIRA, 2011



FONTE: COORDENADORIA ESTADUAL DA PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL DO PARANÁ (2018).

FIGURA 5 – LIMEIRA RESIDÊNCIA II, 2011



FONTE: COORDENADORIA ESTADUAL DA PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL DO PARANÁ (2018).

Em Guaratuba, as chuvas atingiram a área rural de forma intensa, comprometendo a infraestrutura do local e isolando áreas como Cubatão, Rasgado, Rasgadinho e Limeira. De forma geral, 140 pessoas foram desalojadas, 65 casas atingidas e 8 pontes foram destruídas. Na ocasião foram utilizados barcos e helicópteros para o resgate de pessoas ilhadas.

Metodologia

Este trabalho, de cunho qualitativo, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná – UFPR sob o Parecer número 2.958.421.

Para coleta de dados, foram utilizados os recursos de entrevista semiestruturada, com pré-estruturação mínima a partir de um roteiro, adaptado de Alves (2014), que continha além de dados de identificação e moradia, questões sobre a escolha do lugar para viver, sua relação com esse espaço e também histórias de eventos desastrosos vivenciados naquele lugar. Os resultados foram sistematizados e houve a leitura e organização dos dados em categorias temáticas. As etapas foram organizadas em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, segundo Bardin (2011).

Foram entrevistadas nove pessoas, maiores de 18 anos, residentes há pelo menos oito anos na área rural de Cubatão e Limeira, no município de Guaratuba. Como critério de inclusão, buscou-se pessoas que vivenciaram alguma situação de desastre socioambiental e que continuam vivendo nessas localidades classificadas pela Defesa Civil municipal como áreas de risco para desastres socioambientais. O acesso aos participantes se deu através de indicações de pessoas residentes no local, bem como indicação da equipe da Defesa Civil municipal que atendeu a região nas chuvas ocorridas em 2011.

Como método de análise dos dados obtidos no conteúdo das entrevistas, utilizou-se técnicas segundo os três polos cronológicos de Bardin (2001). Iniciando pela pré-análise, sistematizando as ideias previstas no referencial teórico e estabelecendo indicadores para a interpretação das informações coletadas. A inferência e interpretação, primeiramente, efetivou-se através da leitura geral dos dados coletados nas transcrições das entrevistas e codificação para formulação de categorias de análise. Após a exploração do material, este foi recortado em unidades de registro comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico, estabelecendo-se as categorias que se diferenciaram por temáticas seguindo os princípios da exclusão mútua entre as categorias, da homogeneidade e da pertinência na mensagem transmitida, da fertilidade e da objetividade. Posteriormente, foram agrupadas as unidades de registro em categorias comuns e progressivo das categorias iniciais, intermediárias e finais para então chegar à inferência e à interpretação, respaldadas no referencial teórico.

Resultados e discussão

Das nove pessoas que participaram da pesquisa, sete eram mulheres e duas eram homens. Destes, seis tinham idade entre 35 e 55 anos e três entre 55 e 75 anos. Com relação ao estado civil, seis entrevistados eram casados, uma era solteira, uma divorciada e um viúvo. Pelo número de filhos, cinco afirmaram ter entre um e três filhos e quatro entre três e cinco filhos. Todos residiam em casa

própria, das quais cinco são de madeira, três de alvenaria e 1 mista. Todas as residências possuíam sistema próprio de esgoto e a água é vinda dos morros.

Dos nove moradores entrevistados, cinco residiam na localidade entre 8 e 20 anos e quatro há mais de 20 anos. Em relação ao grau de escolaridade, quatro cursaram o Ensino Médio, três o Ensino Fundamental, 1 pessoa está cursando o Ensino Superior e 1 é analfabeto. No que se refere a situações de desastres socioambientais vivenciadas nos locais onde residem, nenhum relatou ter vivenciado situações de incêndio, quatro referem ter vivenciado situações de deslizamentos, seis passaram por situações de raio, oito de vendaval e os nove referiram já ter passado no local onde vivem por situações de inundação.

A categoria principal foi selecionada segundo o objetivo principal, o de perceber a identidade e apego ao lugar das pessoas que residem em locais onde já vivenciaram desastres socioambientais. A seguir, outras categorias foram surgindo, as intermediárias, de acordo com as falas identificadas nas entrevistas, sendo elas: necessidades satisfeitas, relações pessoais, personalidade, falta de opção, comodidade, natureza, tranquilidade e dificuldades.

Os entrevistados foram identificados como “Entrevistado (1 ao 9)”. A partir da categoria inicial, as falas tomaram dimensões, tornando-se categorias intermediárias, seja pela pertinência ou homogeneidade, formando agrupamentos de mensagens.

Identidade e apego ao lugar, a escolha do território como um lugar para viver

A temática da identidade e apego ao lugar abordada na entrevista surge como a principal categoria analisada, buscando compreender a relação das pessoas com o lugar onde elas vivem, sua moradia não só como casa, mas como o local onde essa casa está inserida e o que as levou a escolher esse espaço físico para viver. Nesse contexto, buscou-se identificar fatores que possam elucidar aspectos da história que levaram à escolha daquele espaço para residir, sua identificação com esse lugar e se há relação de apego, bem como quais os significados afetivos atribuídos pelas pessoas ao lugar onde vivem, mesmo sabendo ser uma área com classificação de risco e história de desastre socioambiental vivenciada por elas.

Conforme Palma-Oliveira (2011), a relação entre o ser humano e o ambiente precisa ser contextualizada, passando pelo conceito de identidade de lugar. Esse ambiente pode ser visto como uma categoria social, com um significado socialmente elaborado resultante de interações entre os seus elementos e não apenas como um cenário onde a interação ocorre.

De acordo com Alves (2014, p. 34), “o apego ao lugar se dá em razão da quantidade e importância das necessidades satisfeitas e como o indivíduo acredita que um determinado lugar é adequado para realizar suas atividades, sendo de característica mais cognitiva que emocional”. Percebemos na fala da Entrevistada 1, do sexo feminino e 49 anos de idade, o reconhecimento do espaço como a identificação de algo que faz parte da sua vida e que se identifica “O meu esposo sempre viveu aqui, nasceu aqui e daí quando a gente se conheceu, nos casamos e eu vim... Eu gosto porque eu nasci em um lugar assim, de sítio, de interior, então eu gosto”.

Ainda nesse contexto, o Entrevistado 7, do sexo masculino e 72 anos de idade, relata a fala de sua esposa logo após a inundação da sua casa, que independente dela estar adoentada e da casa ainda estar afetada pela enchente, com água e muita lama, ela quis permanecer lá. Ele também demonstra a identificação e apego ao lugar quando se refere a não sobreviver em outro lugar. Ambas falas demonstram o apego e o costume com o lugar onde vivem. “Aí, no outro dia, quando a água baixou, vim ver de novo e trouxe ela, falei que dava para encostar, mas estava uma lama que não dava para salvar nada, mas ela falou: - Eu quero ir para o meu cantinho, se tiver que morrer eu quero morrer lá...”. “Eu acho que eu não sobrevivo em outro lugar”.

Segundo Alves (2014), o tempo de vinculação com o lugar onde se vive pode gerar familiaridade com este, gerando proximidade, satisfação, segurança e bem-estar. Essa característica é mais emocional do que cognitiva e contribui para a identificação individual e também comunitária. O tempo também gera adaptação frente às suas necessidades funcionais e simbólicas.

As falas também remetem à identificação com o lugar nas relações com as outras pessoas, amizades e vínculos pessoais já estabelecidos no local onde vivem; os laços afetivos entre pessoas de um mesmo lugar tornam esse vínculo relativamente mais duradouro, assim como a ausência dessa relação pode dificultar esse vínculo. Nas falas das Entrevistadas 3, do sexo feminino e 42 anos de idade, e da Entrevistada 4, do sexo feminino e 43 anos de idade, percebe-se o vínculo ligado às amizades e relações familiares estabelecidas, bem como pela identificação com a sua personalidade. “Ah, acho que pela gente conviver, já fazem 20 anos que moramos aqui, então a gente já criou bastante amizade aqui e no trabalho. Também tem as minhas irmãs que moram aqui, então a gente se apegou bastante ao lugar” (Entrevistada 3). “Sou apegada, acho que porque desde criança a gente se apegou muito às pessoas, às amizades, acho que é isso” (Entrevistada 4).

Assim como a Entrevistada 5, do sexo feminino e 52 anos de idade, que reside em uma casa cedida pelo dono da fazenda onde o esposo trabalha, mas que já adquiriu uma propriedade no local para não precisar ir embora caso saiam do emprego, pois se apegou às amizades conquistadas desde a sua chegada: “As pessoas são parecidas comigo; as pessoas daqui são muito acolhedoras. Gosto

daqui, agora, se eu penso em ir embora para lá, eu penso: - E as minhas amizades? Já compramos até um terreninho aqui para não ter que ir embora daqui”.

Percebe-se ainda na fala da Entrevistada 3 que a identificação com a tranquilidade do local também é um componente importante em sua relação de apego, imputando à segurança, ao costume e à tranquilidade atributos importantes para sua permanência no local.

Olha, eu sou bem caseira, eu gosto de ficar em casa, então eu acho que me identifico assim por causa de o lugar ser calmo, ser bem tranquilo para viver... Como meu pai veio morar para cá e a gente se acostumou, acho que porque é um lugar tranquilo para viver, não tem tanta violência como na cidade, aquela correria, a gente sai e deixa a casa aberta e não tem aquele perigo da pessoa entrar para roubar. Aqui é bem tranquilo para viver, eu gosto por causa disso, acho que se fosse para morar na cidade de novo eu não me acostumaria. (ENTREVISTADA 3).

A fala da Entrevistada 2, do sexo feminino e 34 anos de idade, demonstra uma relação diferente com o local, citando a falta de opção como um motivo de permanência e não uma identificação. Tanto a falta de oportunidade de emprego quanto a falta de estudo propiciou a criação de uma permanência forçada com a moradia no local, mas sem o desenvolvimento do apego.

A gente nasceu e se criou aqui. Eu não tenho como morar em outro lugar, em outra localidade. Se for morar na cidade tem que ter estudo para arrumar um bom emprego. Então a gente criou raízes por aqui mesmo e vivemos na área rural. E você gosta de viver aqui? É obrigado né, a gente vai se mantendo, se mantendo, até que um dia Deus abre as portas. Você acha que você é uma pessoa apegada a este lugar? Não, na verdade não, é pela dificuldade. (ENTREVISTADA 2).

O Entrevistado 8, do sexo masculino e 57 anos de idade, também se refere à dificuldade da mudança ou adaptação como um motivo para a permanência no local. “A gente já se acostumou aqui, ir para fora às vezes é mais difícil”. A comodidade implícita na crença de um destino é percebida na fala do Entrevistado 1, que demonstra a aceitação como algo preparado, gerando sentimento de apego pela adaptação. “Gosto de morar aqui porque é tranquilo e foi o que Deus preparou, aí tem que viver aqui”.

Segundo Alves (2014), a estabilidade do laço afetivo varia conforme as alternativas ambientais disponíveis e com o tempo de vinculação. Desse modo, se o lugar satisfaz a sua necessidade e vontades de forma suficiente já se pode estabelecer uma relação satisfatória com aquele lugar. Mais uma vez, atribuímos o tempo e o costume da moradia no local como um predisposto para a identificação ou desenvolvimento do apego.

O vínculo com questões ligadas à natureza que o local oferece, a tranquilidade, a vida na lavoura, o contato com a natureza, bem como o apego com os animais surgem nas falas dos entrevistados como fatores determinantes da vinculação e do apego. A Entrevistada 3 cita a tranquilidade como um fator positivo no apego ao lugar onde vive, assim como o Entrevistado 7, que valorizou o fato do lugar ser retirado e de uma certa maneira longe do movimento de pessoas e da cidade como um fator positivo, valorizando também o contato com a natureza, com o mato, como se refere.

Nunca pensei em morar em outro lugar... Porque a cidade é muito movimento e aqui é mais tranquilo, então a gente se acostuma com a tranquilidade porque na cidade 6 horas da manhã ou 5 horas já tem barulho de caminhão, de ônibus, de carro, de gente na estrada e aqui não, aqui é bem mais tranquilo. Só os passarinhos de manhã cedo. (ENTREVISTADA 3).

Não tinha nada, aí vim para cá e gostei. Era um deserto, naquele tempo era bem deserto mesmo, que para entrar aqui era só de caminhonete mesmo, ou rural, algum carro traçado, carro pequeno não entrava aqui de jeito nenhum, então achei que aqui seria o lugar para eu fazer a minha vida, tudo deserto e vim assumir a terra. (ENTREVISTADO 7).

Na fala do Entrevistado 8 e da Entrevistada 6, que é do sexo feminino e tem 53 anos de idade, também se percebem o amor pela terra, o prazer no trabalho com a lavoura e o contato com a natureza como determinantes na escolha e apego pelo lugar. O Entrevistado 1 refere que além da questão relacionada ao trabalho do seu esposo, também não pensa em sair da propriedade pela sua plantação e animais que lá vivem. “A gente já se acostumou aqui, ir para fora às vezes é mais difícil... Aqui é sossegado, andar nos matos, mexer com lavoura é bom” (Entrevistado 8). “Porque eu gosto de plantar, eu gosto de trabalhar na terra e por isso que eu vim para cá” (Entrevistada 6). “No momento não penso em sair daqui porque meu esposo trabalha aqui, cuida da propriedade, aí tem a plantação, tem animais” (Entrevistado 1).

Ainda relacionado ao apego, percebe-se nas falas de alguns participantes que há, além dos atributos referentes à história de vida, costumes, amizades, características pessoais e de sua personalidade na escolha pelo lugar onde escolheram para viver. Compreende-se que apesar da identificação com o local, também percebem as dificuldades existentes de forma crítica e consciente. O Entrevistado 1 refere-se à distância como um fator negativo relacionado ao local onde vive, assim como a Entrevistada 4, que percebe a dificuldade pela precariedade do acesso. “A distância, a distância para tudo, para fazer uma compra, para sair precisa de um dia inteiro... Para tratamento de saúde não, porque tudo se ajeita. Mas, assim, o que dificulta mesmo é a distância” (Entrevistado 1).

“É o acesso às coisas mesmo; a estrada que não é boa, a falta de apoio... Essas coisas, assim, que na hora de vender as coisas que é mais difícil, a saída, que é longe da cidade, porque o resto, assim, é tudo tranquilo” (Entrevistada 4).

O Entrevistado 8 cita além da distância a dificuldade com o transporte, principalmente público, como um fator de dificuldade: “ônibus aqui é só duas vezes na semana e se não tiver um carrinho por conta e tiver que sair meio rápido é ruim, é mais difícil”. A Entrevistada 9, do sexo feminino e 48 anos de idade, refere o acesso à saúde como um fator de dificuldade: “Aqui também falta segurança e policiamento, deveria ter mais...”. E a entrevistada 3 percebe a dificuldade das estradas, transporte público e iluminação pública como pontos negativos do local onde vive.

Aqui a nossa dificuldade é a estrada, porque a nossa estrada é bem precária mesmo, é muito difícil a estrada estar arrumada. Tiveram dias que para chegar a Garuva levou 2 horas de estrada, sendo que quando a estrada está boa faz em 20 minutos. E também a iluminação pública, que pagamos a iluminação pública no talão da luz, mas quase não tem; é bem raro mesmo você ter uma lâmpada acesa na estrada. Um ponto de ônibus não tem também, que deveria ter para as crianças que pegam o escolar e não tem... E bem difícil aqui. (ENTREVISTADA 3).

A distância também implica em dificuldades com os estudos, emprego e oportunidades tanto para os homens quanto para as mulheres, conforme a fala da Entrevistada 2.

Falta emprego e os estudos para nós como pais e também para os filhos... Se quiser fazer alguma coisa tem que ir para outro lugar, é tudo longe, as coisas são muito longe e é difícil e as oportunidades que aqui é mais difícil, muito difícil ter a oportunidade de alguma coisa aqui, de outros empregos, não é fácil para mulher nem para homens. (ENTREVISTADA 2).

Constata-se ao analisar falas referentes à identificação e apego com o lugar muito mais falas positivas do que negativas. Na sua grande maioria, com exceção da Entrevistada 2, todos residem no local por escolha e não sairiam de lá mesmo diante de uma outra oportunidade. O ambiente, para todos, é percebido como um espaço gerador de tranquilidade e sossego, características muito apreciadas pelos entrevistados em geral, que supre as dificuldades apresentadas pela grande maioria como distância, precarização das estradas e dificuldades relativas aos serviços públicos essenciais.

A percepção do meio ambiente, segundo Kuhnen (2009, p. 11), “é aprendida e está carregada de afetos que traduzem juízo acerca dele. Estão juntos o cognitivo e o emocional, o interpretativo e o avaliativo”. Essa percepção aprendida aparece nos juízos que formamos e nas intenções modificadoras que empregamos: “é resultante do impacto objetivo das condições reais sobre os indivíduos quanto da maneira como sua interveniência social e valores culturais agem na vivência

dos mesmos impactos”. De um modo geral, percebe-se que o ambiente supre as necessidades de bem-estar físico e emocional necessárias para o estabelecimento de uma relação pessoa-ambiente satisfatória.

Considerações finais

Os eventos de desastres, principalmente relacionados às mudanças climáticas que vêm ocorrendo nos últimos anos, trazem essa temática em destaque nas literaturas e noticiários, o que nos faz perceber a importância de desenvolver estratégias para a construção de uma sociedade capaz de prever e prevenir situações de desastres, de mitigar o processo, perceber seus riscos e lidar com situações imprevisíveis de forma humanizada e sensata.

Nesta pesquisa, buscou-se investigar o apego e a identidade de lugar de pessoas que já vivenciaram um episódio de desastre e que residem em áreas classificadas pela Defesa Civil de Guaratuba como territórios de risco de desastres socioambientais.

Em um estudo qualitativo de análise de conteúdo para entender o processo de identificação com o local e relações de apego, percebe-se que as influências relacionadas às necessidades satisfeitas, tais como estar em um local no qual se sentem pertencidos, fazer parte da sua história familiar e construir vínculos com as pessoas, comunidade e com a terra faz toda a diferença no processo de identificação e criação de apego com o local. Até a adaptação de pessoas que não tinham história familiar com o local se deu por questões de identificar a semelhança da comunidade de onde pertenciam com a atual, satisfazendo suas necessidades de sossego, tranquilidade, contato com a terra, plantação e criação de animais como forma de sustento.

As percepções das dificuldades de se viver nessas localidades, como distância, precariedade de estradas, limitação na utilização de meios de transportes, estudo, saúde, trabalho e oportunidades em geral, além de riscos relativos às enchentes, que são frequentes na região, não foram suficientes para o questionamento da permanência no local e não interferem, em sua grande maioria, nas relações de vínculo e apego. Tais fatores ocasionam algum desconforto, todavia, não se mostraram suficientes para diminuir a relação positiva que conferem ao local.

Portanto, identificou-se que a ocorrência de uma situação de desastre, mesmo que em grandes proporções, como a ocorrida no ano de 2011, não modificou a relação que os moradores têm com seu ambiente. Estes não o percebem como um local que ofereça perigo iminente e também não vincularam o evento como um fator negativo para sua permanência.

Desse modo, compreendemos a complexidade dos fenômenos relacionados a esta temática. Avaliar riscos em relatos de situações desastrosas e perceber relações de apego e identidade exigem estudos em áreas muito diversas, considerando tanto características pessoais como sociais, ambientais, históricas, geográficas, além de abranger questões referentes a espaços e territórios

Referências

- AVILA, M. R. R.; MATTEDI, M. A. Desastre e território: a produção da vulnerabilidade a desastres na cidade de Blumenau/SC. **URBE, Rev. Bras. Gest. Urbana** [on-line], v. 9, n. 2, p.187-202, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-33692017000200187&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2017.
- ALVES, B. R.; KUHNEN A.; BATISTION, M. A. **Lar doce lar**: apego ao lugar diante de desastres naturais. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2001.
- FELIPE, M. L. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 609-617, out.-dez. 2012.
- GIULIANI, M. V. **O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente**. Psicologia e ambiente. São Paulo: EDUC, 2004.
- HAESBAERT, R.; HEIDRICH, A. L. et al. (Orgs.). **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- HERMÓGENES, M. A. T. **Desastres e Emergências** – Campo transdisciplinar e gestão em rede – Desafios e contribuições da Psicologia. Monografia (Psicologia) Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2012.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico do Município de Guaratuba**, 2019.
- KUHNEN, A. Meio Ambiente e vulnerabilidade. A percepção ambiental de risco e o comportamento humano. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- MORAIS, J. M. Desastre ambiental: percepção de risco em uma comunidade não atingida, situada próxima ao local do evento. LATEC/UFF. **X Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, 2014. Disponível em: http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0160_1.pdf. Acesso em: 08 jan. 2018.

OLIVEIRA, L. de. Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAM Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28, nov. 2001.

PALMA-OLIVEIRA, J.; HERNANDEZ, B. Novas perspectivas da identidade de lugar. In: FERNANDEZ-RAMIREZ, B.; HIDALGO, C.; SALVADOR, C.; MARTOS M. **Psicologia ambiental 2011: entre os estudos urbanos y el análisis de la sustentabilidad Almeria: Universidade de Almeria PSICAMB**. p. 123-132.

PINHEIRO, E. G.; PEDROSO, F. F. (Orgs.). **Construindo um Estado resiliente: o modelo paranaense para a gestão do risco de desastres**. Curitiba: CEPED/FUNESPAR, 2016.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/vfwnl69xxilvizy/por_uma_geografia_do_poder-claude_raffestin.pdf. Acesso em: 1º jul. 2017.

Trabalho recebido em 09/03/2020. Aceito para publicação em 01/06/2020.